

Dialogando com Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Ana Carolina de Freitas¹
Universidade Federal de Santa Catarina



Patrícia Reuillard. Foto: Arquivo pessoal.

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard é alguém que dedicou sua vida profissional, agora já bem longa, à tradução. Começou a estudar tradução ainda no ensino médio, em uma habilitação de tradutor-intérprete em francês e inglês. Na graduação, tornou-se tradutora de alemão e francês, fez Mestrado e Doutorado na área da tradução. Teve a oportunidade de viver na França por um ano, onde fez um doutorado-sanduíche na Universidade de Paris; lá pesquisou a neologia lacaniana, tema de sua tese. É professora de tradução – teórica e aplicada – há 32 anos. Nos primeiros quinze anos de carreira, trabalhou com todas as disciplinas de francês, de língua à cultura, passando pelo francês instrumental. Além de traduzir, um dos seus grandes prazeres profissionais é ensinar tradução, acompanhar os alunos iniciantes e vê-los se tornando tradutores. Aprende com eles em cada aula e compartilham conhecimentos. Uma de suas atividades principais na

¹ Mestranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: anacarolzen9@gmail.com.

graduação é acompanhar os estágios profissionais de tradução, o que a leva a revisar tradução em grande parte do tempo. Também se dedica a formar pesquisadores em Tradução na Pós-Graduação. Na Universidade, trabalhou primeiramente na PUC do Rio Grande do Sul, durante dez anos. Depois disso, passou a trabalhar na universidade federal, onde está até hoje. Teve a sorte de ter grandes professores, que admira e aos quais agradece sempre pelo que a ensinaram. Mas não é apenas professora e tradutora: além de sua vida familiar, também milita, sobretudo nas instâncias universitárias, em defesa da educação pública e gratuita e dos direitos de todos nós, trabalhadores.

Você traduz profissionalmente? Com quais línguas você trabalha?

Sim, comecei a traduzir profissionalmente ainda na graduação e nunca parei: em quase 40 anos de carreira, nunca fiquei sem traduzir. Sempre tenho um texto à espera. Trabalho apenas com o francês e minha área de especialidade são as Ciências Humanas e Sociais, sobretudo psicanálise, antropologia, história e sociologia. Minhas últimas traduções: *As abolições da Escravatura* (Contexto, 2019), *Aristóteles Coleção Filosofinhos* (Tomo Editorial, 2018), *Tolerância* (Contexto, 2017), *História da Guerra Civil Russa* (Contexto, 2017), *Socioeconomia e democracia: a atualidade de Karl Polanyi* (Escritos, 2016). *Stalingrado. 1942* (2015), *A conversão socioprofissional das elites: dois casos históricos na Hungria* (UFMA, 2015), *O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional* (PUCRS, 2015), *Sociologia moral das dependências motivadas: o caso da dependência amorosa* (PPGS/UFRGS, 2015), *O desfecho das guerras de religião: a autonomização da razão política na metade do século XVI* (Revista Brasileira de Ciência Política, 2014), *Sintomas sexuais: uma escrita deslocada da relação sexual* (APPOA, 2014), *L'invention du Carnaval au XIX siècle: Paris, Nice, Rio de Janeiro* (L'Harmattan, 2014). O último livro, sobre a Segunda Guerra Mundial, está no prelo.

Quais os princípios teóricos que norteiam a sua atividade de tradutor?

Embora seja difícil responder a essa pergunta com brevidade, penso poder dizer que o norte de minha atividade tradutória é, em primeiro lugar, o leitor da minha tradução e a função que o texto que traduzo assumirá na língua/cultura de chegada. São essas considerações que me auxiliam a estabelecer o projeto de tradução que norteará todo o trabalho e que será único para cada texto. É esse projeto que ditará as regras que seguirei em matéria de registro de língua, de norma, de paratextos, de inserções/supressões, etc. O conceito proposto pela teórica Christiane Nord de 'lealdade' em tradução – ao autor do

texto de partida, ao leitor do texto de chegada e àquele que me deu o encargo de tradução – define minha prática tradutória. Nesse sentido, me filio teoricamente ao funcionalismo alemão, mas me sirvo também de outras abordagens teóricas.

No seu ponto de vista, é melhor traduzir em colaboração?

Traduzir em colaboração pode ser um processo bastante fecundo em matéria de compartilhamento de conhecimentos, pois todos os participantes podem sair ganhando com essa atividade. Já participei inúmeras vezes de traduções colaborativas – além de promover esse tipo de atividade com meus alunos –, mas o processo pode ser também bastante extenuante devido à sua complexidade: nível distinto de conhecimento de língua, de conhecimento enciclopédico e de conhecimento instrumental dos participantes, capacidade ou incapacidade de trabalhar em equipe, flexibilidade, entre outros fatores. Por essa razão, eu não afirmaria que é melhor traduzir em colaboração: pode ser melhor se a equipe conseguir harmonizar conhecimentos, métodos e estratégias de trabalho.

O que é mais agradável ou confortável – traduzir ou escrever sobre tradução?

Pessoalmente, adoro o processo de traduzir e o mundo de conhecimento que se abre para mim a cada novo texto, a tentativa de atinar qual a intenção comunicativa do autor, a tentativa de encontrar as palavras e as estruturas que constituirão um novo texto que sirva aos propósitos do autor, sem deixar de atender às necessidades do novo leitor. No senso comum, essa atividade é automática e para realizá-la bastaria um certo conhecimento e um bom dicionário (hoje substituído pelo Google), mas se trata de um processo altamente reflexivo, de construção textual e também conceitual. O mundo não seria o que é hoje se não houvesse tradução para transmitir e construir conhecimento.

Escrever sobre tradução, assim como sobre qualquer tema, também é um processo intelectual, mas de outra ordem. Nele, é preciso tecer relações entre os conceitos, correlacionar os resultados da prática tradutória e as teorias que os explicam, situar-se nas diferentes teorias, justificar suas escolhas... Isso demanda um conhecimento aprofundado do campo que se estuda e uma capacidade de partir da prática e do específico para o geral. Pode ser igualmente prazeroso, porém é muito desafiador também.

Quais seus projetos de tradução para o futuro?

Quando eu me aposentar, eu pretendo, além das traduções profissionais, traduzir voluntariamente textos necessários à compreensão do mundo e que não foram ainda traduzidos, sobretudo da área de política, sociologia e de economia. Também gostaria de traduzir textos literários, mas sem os prazos habituais do mercado editorial.